

MARAVILHAS ZOOLOGICAS NA ENCICLOPÉDIA DE PLÍNIO, O VELHO, A PARTIR DE DUAS SUGESTÕES DE ÍTALO CALVINO

*Matheus Trevizam**

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Neste artigo, gostaríamos de apresentar algumas ideias presentes no livro VIII da obra *Naturalis Historia*, de autoria do escritor romano Plínio, o Velho. Para isso, depois de situar Plínio do ponto de vista humano, intelectual e histórico em sua própria época, passamos a examinar como o autor fez a abordagem do assunto dos elefantes e de vários seres fabulosos (como dragões e basiliscos) na mesma parcela da obra citada. No primeiro caso, assim como o Virgílio do livro IV das *Geórgicas* (que esse poeta dedicou à apicultura), Plínio desejou mostrar a sociedade animal focalizada como algo, ao mesmo tempo, muito próximo e distante da cultura e dos sentimentos humanos. Quanto à abordagem pliniana de seres que hoje diríamos “monstruosos” por sua desmesura, forte hibridização ou capacidade de lesar bastante os homens ou outras criaturas, nota-se que o autor antigo parece realizá-la com a naturalidade de alguém ciente do caráter altamente inventivo das forças geradoras atuantes no mundo. Nesse movimento de deter-se sobre os aspectos bizarros do mundo, Plínio foi posteriormente seguido de perto por Jorge Luis Borges, autor de *O livro dos seres imaginários*.

Palavras-chave: Zoologia. Literatura. Poesia. Plínio, o Velho. Monstruosidade.

Introdução

Devemos à leitura de um capítulo do conhecido livro de Ítalo Calvino – *Por que ler os clássicos?* –, o qual se chama “O céu, o homem, o elefante”, a ocasião de revisitar a obra do grande enciclopedista romano identificado com Plínio, o Velho. À guisa de uma sumária rememoração, não será vão, acreditamos, evocar alguns dados atinentes à figura humana e



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

* É bacharel e licenciado em Letras (Língua portuguesa e Literatura) pelo IEL-UNICAMP, mestre e doutor em Linguística pela mesma Instituição (Letras clássicas/ Latim). Atualmente é professor associado I na Faculdade de Letras da UFMG. Interessa-se por questões de gêneros literários e incorporação temática de tópicos culturais de relevância na Antiguidade. Traduziu integralmente Ovídio (“*Ars amatoria*”), Varrão (“*De re rustica*”) e Catão (“*De agri cultura*”). E-mail: matheustrevizam2000@yahoo.com.br.

intelectual dessa importante, mas, comparativamente, pouco lida personagem da literatura latina clássica.

Como informado por Pierre Grimal em *La littérature latine*, Plínio teria nascido em 23 ou 24 de nossa Era, durante o reinado do imperador Tibério, em uma família da Ordem equestre (GRIMAL, 1994, p. 421). Isso significa que, bem situado na escala social romana, precisou fazer jus a essa posição, desempenhando uma série de papéis na vida guerreira e política do Império: dessa maneira, sob os reinos de Cláudio e Nero, foi prefeito de coorte, tribuno militar e comandante de unidade de cavalaria. No desempenho de tais funções, teve a oportunidade de conhecer vastamente a antiga região da *Germania*, da desembocadura do Reno até as nascentes do Danúbio.

Já a partir de 70 d.C., Plínio iniciara sua carreira de procurador imperial, encarregando-se das finanças nas províncias da Gália Narbonense, da África, da Espanha Citerior e da Bélgica. A derradeira função pública dessa personagem, porém, correspondeu à de prefeito da frota de Miseno, localidade situada no sul da Itália. No exercício desse encargo, Plínio veio a falecer no dia 24 de agosto de 79 d.C., quando, curioso a respeito dos bizarros fenômenos naturais que via ocorrerem no monte Vesúvio, aproximou-se em demasia do que era uma violenta erupção vulcânica e perdeu a vida em meio às emanações gasosas dela decorrentes, como testemunha a famosa carta XVI do livro VI das *Epistulae* de Plínio, o Jovem, seu sobrinho e testemunho ocular da catástrofe:

Ele estava em Miseno e, em pessoa, comandava a esquadra com suas ordens. No nono dia antes das Calendas de setembro, quase na hora sétima, minha mãe lhe conta que está aparecendo uma nuvem de tamanho e formato estranhos. 5. Tendo aproveitado o sol e, logo, a água fria, merendara reclinado e estudava; pede suas sandálias e sobe a um local donde, especialmente, aquela maravilha podia ser observada. Aparecia uma nuvem – sendo incerto, para quem a via de longe, de qual monte (mas depois se soube que foi o Vesúvio) –, cuja semelhança e forma nenhuma outra árvore descreveria melhor do que um pinheiro. 6. Na verdade, como que se projetando ao alto com um tronco longuíssimo, espalhava-se com alguns ramos, creio que levada pelo vento novo; depois, deixada por seu declínio, ou mesmo vencida pelo próprio peso, desaparecia de largo, ora alva, ora suja e com manchas, conforme terra ou cinzas erguera. 7. Pareceu-lhe, homem muito erudito, algo importante e que devia ser conhecido mais de perto. Manda aparelhar um navio de guerra ligeiro; faculta-me ir junto, se quisesse; respondi que preferia estudar, e, casualmente, ele mesmo me dera algo a escrever.¹

¹ PLINIE LE JEUNE, 1927 (*Lettres VI, XVI*): 4. *Erat Miseni classemque imperio praesens regebat. Nonum Kal. Septembres hora fere septima mater mea indicat ei apparere nubem inusitata et magnitudine et specie. 5. Vsus ille sole, mox frigida, gustauerat iacens studebatque; poscit soleas, ascendit locum ex quo maxime miraculum illud conspici poterat. Nubes — incertum procul intuentibus ex quo monte; Vesuuium fuisse postea cognitum est — oriebatur, cuius similitudinem et formam non alia magis arbor quam pinus expresserit. 6. Nam longissimo uelut trunco elata in altum quibusdam ramis diffundebatur, credo quia recenti spiritu euecta, dein senescente eo destituta aut etiam pondere suo uicta in latitudinem uanescebat, candida interdum, interdum sordida et maculosa prout terram cineremue sustulerat. 7. Magnum propiusque noscendum ut eruditissimo uiro uisum.*

Quanto, propriamente, à face intelectual de Plínio, o Velho, interessa, antes de mais nada, lembrar que aqui divisamos um erudito, ou seja, alguém ocupado e capaz de coligir, em seus escritos, espantosa soma de dados atinentes aos mais variados domínios do saber humano. Hoje podemos, então, ao menos nomear textos como o *De iaculatione equestri*, os *De uita Pomponii Secundi libri duo*, os *Bellorum Germaniae libri XX*, os *Studiosi* – obra destinada ao ensino da retórica –, os *Dubii sermonis* e os *A fine Aufidii Bassi libri XXXI*, mas o legado pliniano mais perene permanece, sem dúvida, sua enciclopédia. Nela, em um conjunto de trinta e sete livros, o autor pronunciou-se, a saber – depois de um livro inicial identificado com o resumo do todo dessa volumosa obra –, da cosmografia e da astronomia (livro II), da geografia e da etnografia (livro III a VI), da “antropologia”, ou fatos concernentes à vida do homem, da concepção à morte (livro VII), da zoologia, por escala decrescente do tamanho das espécies (livro VIII a XI), dos organismos vegetais, pequenos ou grandes (livro XII a XIX), dos remédios obtidos das plantas hortenses (livro XX), das flores e abelhas (livro XI), dos remédios provenientes das plantas em geral (livro XXII a XXIV), da descoberta de tipos botânicos e dos medicamentos deles advindos (livro XXV a XXVII), dos medicamentos extraídos dos animais (livro XXVIII a XXXII), dos metais (livro XXXIII a XXXIV), da pintura e das pedras preciosas (livro XXXV a XXXVII).

Mais testemunhos de Plínio, o Jovem, atestam que seu tio, verdadeiro aficionado da coleta de saberes, manifestou incansavelmente a atividade intelectual ao longo de sua vida: então, empregava todos os instantes livres para “fazer-se ler um livro ou outro, tomar notas ou redigir extratos”². Ainda, “considerava desperdiçado um tempo que não fosse consagrado aos estudos”³. Ora, uma obra como a enciclopédia, na qual pôde reunir tão vasta gama de informações assimiladas e reunidas ao longo de uma vida, reveste-se, assim, de traços “livrescos”, no sentido de ser algo, amiúde, tributário de saberes oriundos de muitas fontes *letradas* pregressas:

Escrita provavelmente durante o governo de Vespasiano e dedicada a Tito, o futuro imperador, a obra é produto da leitura de inúmeros livros estrangeiros e latinos. Plínio compulsou centenas de textos e compôs um trabalho de caráter enciclopédico, segundo um plano simples, mas bastante ambicioso (CARDOSO, 2003, p. 193).

Por outro lado, segundo Calvino, comparativamente não abundam as vezes em que o enciclopedista Plínio reconhece ter sido testemunha ocular dos “fatos” apresentados a seu

Iubet liburnicam aptari; mihi si uenire una uellem facit copiam; respondi studere me malle, et forte ipse quod scriberem dederat (trad. minha).

² GRIMAL, 1994, p. 422: «... à se faire lire un livre ou un autre, à prendre des notes ou rédiger des extraits».

³ GRIMAL, 1994, p. 422: «Il considérait comme gaspillé un temps qui n'était pas consacré aux études».

público ávido de curiosidades (CALVINO, 1993b, p. 26). Não devemos, porém, direcionar por completo nossa apreciação dessa parte do legado pliniano para o lado negativo de vê-lo como mero autor “de segunda mão”, pois julgamos que a enciclopédia, longo trabalho de anos de feitura⁴, verdadeiramente lhe representa os intentos de servir ao povo de Roma, não o deixando ser ultrapassado, no quesito da erudição, pelos gregos ou outras nações às quais subjagara. Pierre Grimal, no compêndio de história literária supracitado, ressalta, a esse respeito, as palavras do próprio Plínio, quando, na dedicatória da *Naturalis Historia*, explicita seu desejo de ser útil, tomando, para tanto “a vida como assunto”⁵.

É, portanto, nesse contexto de erudição e do desejo de informar os contemporâneos que se enquadram considerações plinianas como aquelas de que vamo-nos ocupar na sequência desta exposição, intentando explicitar como o autor romano dotou os elefantes, no livro VIII, de traços nada banais de caracterização. Ele também, de acordo com elementos observáveis na própria abordagem dos paquidermes, desvia a zoologia do âmbito do meramente previsível neste mesmo livro VIII, harmoniosamente alinhando seres “reais”, como elefantes, cães e cavalos, e “fantasiosos”, como basiliscos, leucrocotas e dragões.

Os elefantes de Plínio, seus seres fantásticos e alguns correlatos de ambos

Segundo ressaltado por Ítalo Calvino no capítulo “O céu, o homem, o elefante”, essa espécie animal recebe grande destaque de tratamento no interior do livro VIII da enciclopédia de Plínio, de início por ter sido posta logo à abertura de semelhante parte da *Naturalis Historia*; também, por ocupar quantitativamente a maior seção do livro em que se encontra (CALVINO, 1993b, p. 31). Perguntando-se, então, pelos motivos de tal primazia da espécie dos paquidermes, o crítico italiano chega a duas respostas possíveis: a primeira delas diz respeito, já, a um traço distintivo desses seres no cotejo com todos os outros animais terrestres. Para Plínio, com efeito, que procede mais de uma vez segundo certa escala dispositiva dos itens por seu tamanho (CALVINO, 1993b, p. 31), os elefantes seriam os maiores dentre os animais de terra firme.

Por outro lado, o enciclopedista antigo também ressalta que esses elementos da escala zoológica correspondem aos que mais se parecem (ou não) com a espécie humana em “seus sentimentos”. Alguns dos motivos que justificam esse segundo posicionamento pliniano sobre os elefantes, no capítulo I do texto de que aqui nos ocupamos, dizem respeito a terem eles atitudes como as de compreenderem a “língua de sua pátria” (*intellectus... sermonis patrii*

⁴ Data-se a conclusão do texto, aproximadamente, de 77 d.C.

⁵ GRIMAL, 1994, p. 423: «... prendre comme sujet la vie».

– VIII, I, 1), “obedecerem a comandos” (*inperiorum oboedientia* – VIII, I, 1), “lembrarem dos deveres aprendidos” (*officiorum quae didicere memoria* – VIII, I, 1), “comprazerem-se no amor e na glória” (*amoris et gloriae uoluptas* – VIII, I, 1); mas, ainda, a terem qualidades raras mesmo no ser humano, como a “probidade” (*probitas*), a “prudência” (*prudentia*), a “equidade” (*aequitas*), o “culto aos astros” (*religio... siderum*), a “veneração ao sol e à lua” (*Solisque ac Lunae ueneratio* – VIII, I, 1).

Desse modo, em Plínio, aproximados de nossa espécie por traços como a memória e a “ambição” da glória, os elefantes também logram afastar-se dela quando manifestam qualidades como o geral acato a seus deuses e a prudência, de que *raramente* desfrutariam os homens, acabamos de ver. Então se entrevê, na grande admiração do autor por esses animais, que ele tende a valorizá-los algo além da estima atribuída, em sua obra, ao comportamento humano⁶.

A própria sequência desse capítulo inicial oferece mais dados de importância para a compreensão dos elefantes, conforme retratados por Plínio, como seres aproximadamente semelhantes aos homens, ou a outros animais. Eles, quando doentes, estender-se-iam “de costas” (*supini... iacentes* – VIII, I, 3) no chão e lançando ervas ao céu, como se “tomassem a terra por testemunha de suas preces” (*ueluti tellure precibus allegata* – VIII, I, 3). Ainda, seguindo um modo de comportar-se que alude ao próprio plano político da organização social, demonstrariam, segundo Plínio, profunda deferência por seu rei, “ajoelhando-se diante dele e apresentando-lhe coroas” (*genua submittunt, coronas porrigunt* – VIII, I, 3). Cabem, aqui, alguns paralelos com comportamentos, anteriormente, descritos pelo Virgílio do livro IV das *Geórgicas* para as abelhas. Com efeito, em v. 210-218, assim se pronunciara o maior poeta de Roma:

Além disso, não assim o Egito e a enorme
Lídia, nem o povo dos Partos ou o medo Hidaspes
respeitam seu rei. Salvo o rei, são todas unânimes;
em sua falta, violam a boa-fé, os méis acumulados
saqueiam e desmancham a rede dos favos.
Ele é o guardião dos trabalhos, admiram-no, todas 215
rodeiam com incessante zumbido e escoltam numerosas;
muitas vezes erguem nos ombros, oferecem os corpos
como escudos na guerra e buscam bela morte com feridas.⁷

⁶ CALVINO, 1993b, p. 32: «L’homme, dans la *Naturalis Historia*, perdu au milieu du monde multiforme, prisonnier de son imperfection, a, d’un côté, le soulagement d’apprendre que Dieu lui-même est limité dans ses pouvoirs (*Inperfectae uero in homine naturae praecipua solacia, ne deum quidem posse omnia*, II, 27), et, de l’autre, qu’il a, comme prochain immédiat, l’éléphant, qui peut lui servir de modèle sur le plan spirituel».

⁷ VIRGÍLIO, 1998 (*Geórgicas* IV, 210-218): *Praeterea regem non sic Aegyptus et ingens/ Lydia nec populi Parthorum aut Medus Hydaspes/ obseruant. Rege incolumi mens omnibus una est;/ amisso rupere fidem constructaque mella/ diripere ipsae et cratis soluere fauorum./ Ille operum custos, illum admirantur et omnes/*

Ora, segundo explicado por mais de um comentador das *Geórgicas*, “reis” (*reges*) no contexto desse poema didático corresponde ao que compreenderíamos, modernamente, como uma abelha *rainha*, de acordo com certa falha geral do entendimento zoológico dos antigos [VIRGIL, 1996, p. 203 (comentário de R. D. Williams)]. Em todo caso, aqui se evoca um líder atinente à própria espécie dos seres comandados – ou súditos –, ao qual, supostamente, as abelhas demonstrariam, pelo excerto acima, um respeito maior que o dos orientais, como os egípcios, Partos, e Medos, a seus déspotas absolutos. Ele, ainda, surge na dicção virgiliana não só como objeto de culto, mas também como penhor da boa funcionalidade social e laboral das colmeias, de modo, em sua falta, que a comunidade se desfça. Por fim, tamanha devoção ao “monarca” por parte das abelhas que se sujeitam a seu mando chega a resultar até na morte voluntária delas, quando necessitam defendê-lo em meio à guerra.

No contexto da enciclopédia de Plínio ao qual nos reportamos, porém, somos esclarecidos por uma nota do organizador, Alfred Ernout, que nos diz serem os reis de veneração desses elefantes, na verdade, *seres humanos*. Assim, o latinista francês explica que os elefantes (orientais) a que Plínio alude quando menciona essa característica teriam manifestado, segundo as palavras de Aristóteles (*Hist.* IX, 46), gestos de respeito pelo *rei dos persas* [PLINE L’ANCIEN, 1952, p. 108 (comentário de A. Ernout)]. Na continuidade de suas explicações eruditas, Ernout lembra que, mesmo em Roma, exibiam-se elefantes treinados para vir ajoelhar-se diante do imperador, de que resultou, inclusive, a escrita de um epigrama por Marco Valério Marcial (*De spectaculis*, 17).

Isso significa, quando cotejados com as abelhas de Virgílio – ou com os romanos do século I d.C., quando viveu e compôs Plínio, o Velho – nesse quesito de suas opções políticas, que os elefantes de que trata o enciclopedista diferem por “colocar-se às ordens” de um monarca *distinto* de sua natureza, o que talvez se possa atribuir a que, desde a Antiguidade, os paquidermes foram efetivamente empregados para trabalhos no mundo humano [PLÍNIO, 1952 (*Naturalis Historia* VIII, I, 3)], sob a supervisão de “mestres” de nossa espécie, e postos sob a chefia de cornacas [PLÍNIO, 1952 (*Naturalis Historia* VIII, I, 3)]. Por outro lado, quando comparamos o momento histórico de escrita das *Geórgicas*, que coincide com os tempos finais das guerras civis em Roma,⁸ a ascensão de Otaviano Augusto e a queda em desgraça de Marco Antônio, seu rival absoluto na luta pelo domínio da república, e aquele

circumstant fremitu denso stipantque frequentes/ et saepe attollunt umeris et corpora bello/ obiectant pulchramque petunt per uolnera mortem (trad. minha).

⁸ GRIMAL, 1994, p. 267: «La rédaction du poème se poursuivait jusqu’en 29 (a.C.)».

atinente à feitura da obra de Plínio, o qual compõe em plena época de preponderância política de vários imperadores, também se evidenciam particularidades.

Referimo-nos ao fato de que chegamos a atribuir ao trecho do suposto “elogio” de Virgílio às abelhas, por muito se dedicarem a seu “rei”, características ambíguas (TREVIZAM, 2006, p. 238-239), pois quem se destacou na época do poeta pela proximidade com a realeza (egípcia) foi justo Marco Antônio, o companheiro de Cleópatra e aquele a quem se opusera Otaviano Augusto [SUETÔNIO, 2007 (*Vida de Augusto XVII*)], amiúde celebrado nas *Geórgicas*. Em contrapartida, já divisamos em Plínio, o Velho, um intelectual bem inserido na vida e na burocracia *imperiais*, próximo, pela convivência (como, depois, seria também o caso de seu sobrinho),⁹ de mais de um príncipe (GRIMAL, 1994, p. 421) e até disposto a dedicar a enciclopédia ao futuro imperador Tito, filho primogênito de Vespasiano (CARDOSO, 2003, p. 193). Portanto, à diferença de Virgílio, aparentemente não há chances de divisar ironia nos dizeres plinianos quando aborda admirado, no pequeno trecho citado do livro VIII de sua principal obra, a devoção dos elefantes a um rei, ademais, *humano*.

Outras partes do livro VIII da *Naturalis Historia* apresentam ao leitor dados de grande valia para compreender os elefantes, na descrição pliniana, como seres dotados de características incomuns, muitas vezes situadas nas fronteiras da animalidade e do humano. A título de uma sumária e incompleta recapitulação, lembramos aqui que teriam sido vistos, segundo Plínio, quatro elefantes a carregar outro, reclinado em uma liteira (VIII, II, 5); que um certo espécime, repreendido por não conseguir aprender algo que lhe ensinaram, teria sido encontrado, de noite, “repetindo a lição” (*eadem illa meditantem* – VIII, III, 3); que um deles, que aprendera os caracteres gregos, por si grafou naquela língua “eu mesmo o escrevi e consagrei os despojos célticos” (*ipse ego haec scripsi et spolia Celtica dicaui* – VIII, III, 6); que um elefante que encontra um homem sozinho, em qualquer lugar deserto, mostra-se “clemente e manso” para com ele (*clemens placidusque* – VIII, V, 9), chegando a indicar-lhe o caminho; mas, se vê pegadas sem dono antes de encontrar alguém, põe-se a tremer e, entre outras reações, “bufa em cólera” (*iras ploflare* – VIII, V, 9), receoso das trilhas insidiosas dos caçadores de marfim.

Também julgamos de interesse mencionar que Plínio cita casos de paixões dos elefantes (por seres humanos!) – como certo espécime em enleio com uma vendedora de coroas florais, outro enamorado de Menandro, jovem siracusano em serviço no exército de

⁹ PLINE LE JEUNE, 1966, p. 367: «Livre X, 36 (Lettre de Pline à Trajan) – O maître, nous nous sommes acquittés de vos vœux solennels, et nous les renouvelons en vue de ta conservation qui se confond avec celle de l’empire, implorant les dieux de tenir pour agréable que ces vœux soient toujours acquittés et toujours renouvelés».

Ptolomeu, e outro abrasado de amores por uma perfumista VIII, V, 13-14 – e que diz que esses animais desconhecem o adultério (*nec adulteria nouere* – VIII, V, 13), “nem fazem o mal a não ser se provocados” (*nec nisi lacessiti nocent* – VIII, VII, 23). Dadas essas semelhanças ou diferenças entre os elefantes e outro seres, sobretudo os homens, como se quis ressaltar, cremos proveitoso reportar as próprias palavras de Calvino, o qual afirma, em certo ponto do capítulo citado:

Os ritos e os costumes da sociedade dos elefantes são representados como se fossem os de uma população cuja cultura é diferente da nossa, mas também muito digna de respeito e de compreensão.¹⁰

Um detalhe situado ao fim da descrição pliniana da sociedade dos paquidermes, por sua vez, favorece-nos adentrar a outra face das maravilhas do mundo zoológico que esse enciclopedista antigo veicula na obra de nosso interesse, segundo indicado por Ítalo Calvino (CALVINO, 1993b, p. 32-33). Então, em VIII, XI, 32, Plínio fala em “dragões” (*dracones*), que, supostamente, corresponderiam aos eternos inimigos dos elefantes nas paragens da Índia. Importa, aqui, esclarecer que a simples menção a “dragões” não implica na recorrência de Plínio aos domínios do altamente imaginativo: com efeito, esse termo muitas vezes apenas designa com diferenças de formalidade, em latim, a “serpente”, ao lado de outras palavras possíveis, como *coluber* e *anguis*.¹¹

Contudo, certas características empregadas pelo enciclopedista para falar nesses dragões antagônicos aos elefantes começam a descortinar-nos o contato com traços bastante surpreendentes ou quase *monstruosos*, no sentido usual¹² do termo: entre eles, mencionamos a suposta capacidade de tais seres para envolver completamente, e até o sufocamento, os paquidermes com seus anéis, tamanhas as suas dimensões (*tantae magnitudinis* – VIII, XI, 32); que, eventualmente, adentrariam o corpo de seus inimigos pela tromba, desse modo ferindo-os nas partes mais vulneráveis (*mollissimas... partes* – VIII, XII, 33). Além disso, a outra forma de “combate” descrita por Plínio entre as duas espécies animais em jogo são as

¹⁰ CALVINO, 1993b, p. 31-32: «Les rites et les coutumes de la société éléphantine son représentés comme étant ceux d’une population dont la culture est différente de la nôtre, mais tout aussi digne de respect et de compréhension».

¹¹ ERNOUT & MEILLET, 2001, p. 33: «*anguis*, is m. (...) ‘serpent’. Mot ancien, employé dans la langue religieuse; cf. Thes. II 53, 49 sqq. A pour substitués des adjectifs: *serpens* (*bestia*), *uipera*, sans doute aussi *coluber*, *colubra*; ou l’emprunt au gr. *draco*. Poétique; rare en prose».

¹² TREVIZAM, 2009, p. 75: “Assim, de início convém lembrar que a raiz latina de *monstrum*, como nos ensinam Ernout e Meillet (1939, p. 629), identifica-se com a mesma do verbo *monstrare* (‘mostrar’, ‘demonstrar’, ‘avisar’...), correspondendo, pois, o sentido primeiro do substantivo aludido ao de um ‘prodígio que adverte da vontade dos deuses’. Depois, observa-se a passagem dessa primitiva ideia, de caráter eminentemente religioso e, nem sempre, indicadora de desditas, para o significado específico de um *ente* (em vez de evento) inusitado por suas características; expressam essa segunda nuance, assim, certos dizeres dos etimologistas vistos, segundo os quais *monstrum* seria, desta feita, um ‘objeto ou ser de caráter sobrenatural’ (Ernout e Meillet, 1939, p. 629)”.

vezes em que os dragões se enrolam em torno das trombas das vítimas e picam-lhes as orelhas, depois exaurindo todo seu sangue (ut totum sanguinem capiant – VIII, XII, 34), pois têm tamanho suficiente para representar tal ameaça.

Embora se diga, já no capítulo XIII do livro VIII, que a Etiópia produz serpentes de oito côvados, ou, aproximadamente 3,50 m., concentram-se naquele de número XXX algumas das maiores maravilhas zoológicas desse país: Plínio, por sinal, chega a falar em “muitos outros (animais) semelhantes a um monstro” (multaque alia monstri similia – VIII, XXX, 72), como o “pégaso”, cavalo alado e dotado de chifres; o cercopiteco, de cabeça negra, pele de asno e “diferente dos demais macacos por sua voz” (dissimilis ceteris uoce – VIII, XXX, 72); os bois “indianos” (Indicos – VIII, XXX, 72), de um ou três chifres; as leucrocotas, do tamanho dos asnos selvagens, com coxas de cervo, colo, cauda e peito de leão, cabeça de texugo, uma “boca fendida até as orelhas” (ore ad aures usque rescisso – VIII, XXX, 72) e um “osso contínuo no lugar dos dentes” (dentium locis osse perpetuo – VIII, XXX, 72); as manticoras, com “três fileiras de dentes” (triplici dentium ordine – VIII, XXX, 75), “face e orelhas humanas” (facie et auriculis hominis – VIII, XXX, 75), “olhos esverdeados” (oculis glaucis – VIII, XXX, 75), “cor de sangue” (colore sanguineo – VIII, XXX, 75), “corpo de leão” (corpore leonis – VIII, XXX, 75), “uma cauda que pica como aquela do escorpião” (VIII, XXX, 75)... Outras regiões, porém, produzem, segundo a descrição pliniana, seres igualmente inusitados, como a província da Cirenaica, donde provém o basilisco, que “afugenta todas as cobras com seu sibilar” (sibilo omnes fugat serpentes – VIII, XXXIII, 78) e “mata os arbustos, não só pelo contato, mas ainda pelo alento, queima as ervas, estoura as pedras” (necat frutices, non contactos modo, uerum et adflatos, exurit herbas, rumpit saxa – VIII, XXXIII, 78)...

Além do fato de que Plínio, como dissemos, nutriu-se de conteúdos para a feitura de sua enciclopédia, sobretudo, a partir dos relatos alheios (sem, então, poder-se imputar à sua imperícia de “mau observador direto” o acolhimento de tantas maravilhas zoológicas nessa obra), também contribui, a nossos olhos modernos, para tamanha liberdade no contato com as fontes ter ele muitas vezes agido, como atestam suas próprias palavras, em respeito a prévias (e imaginativas!) tradições.¹³

¹³ CRIPPA, 2003, p. XIX: «Parfois, il s’agit tout simplement du respect de la tradition: voici qu’après avoir reproduit des recettes aussi étranges que les suivantes – ‘la cervelle de vipère attachée dans un sachet de peau facilite la dentition’, ‘la fiente de corbeau portée dans une amulette de laine guérit la toux des enfants’, etc. –, il écrit: ‘Il est difficile de prendre au sérieux certaines recettes; il ne faut pourtant pas les négliger, parce qu’elles font partie de la tradition (XXX, 137)’».

Ainda importa, sobre o aspecto “monstruoso” das maravilhas zoológicas no livro VIII da enciclopédia de Plínio, lembrar que outro “clássico” calviniano, Jorge Luis Borges (CALVINO, 1993a, p. 200-208), retoma em O livro dos seres imaginários várias das espécies de que tratara o autor romano, citando-o como fonte mais de uma vez:

O dragão possui a capacidade de assumir muitas formas, mas estas são inescrutáveis. Em geral o imaginam com cabeça de cavalo, cauda de serpente, grandes asas laterais e quatro garras, cada uma dotada de quatro unhas (BORGES, 1981, p. 1).

O basilisco vive no deserto; ou melhor dizendo, cria o deserto. A seus pés caem mortos os pássaros e apodrecem os frutos; a água dos rios em que sacia a sede fica envenenada durante séculos. Que seu olhar quebra as pedras e queima o pasto foi atestado por Plínio (BORGES, 1981, p. 41-42).

Plínio (VIII, 30) conta que, segundo Ctésias, médico grego de Artaxerxes Mnêmon, “há entre os etíopes um animal chamado manticora; tem três fileiras de dentes que se encaixam como os de um pente, cara e orelhas de homem, olhos azuis, corpo carmesim de leão e cauda que termina num aguilhão, como as lacraias. Corre com enorme rapidez e gosta muito de carne humana; sua voz é parecida com a consonância da flauta e da trombeta” (BORGES, 1981, p. 103).

Os exemplos de Borges que acabamos de elencar e que, mais de uma vez, devem muito às exposições plinianas de seres fabulosos no livro VIII da enciclopédia, favorecem-nos divisar nos dois autores em pauta o monstruoso como algo, por diferentes motivos possíveis, vinculado à ideia de um aparente “desvio” (IBRAHIM, 2005, p. 19). Tal “desvio”, comumente associável à mistura, em um único espécime, de traços constitutivos atinentes a seres de mais de um tipo (masculino e feminino – cf. caso dos hermafroditas¹⁴ –, ser humano e ave etc.)¹⁵, também pode assumir a eventual conformação da desmedida (o muito pequeno, o muito grande, como o ciclope Polifemo na mitologia de matriz clássica – (GÓNGORA, 2008, p. 49),¹⁶ ou ainda da própria capacidade de causar o mal (IBRAHIM, 2005, p. 26), como notamos, no último caso, pelas colocações pliniana e de Borges a respeito do temível basilisco. Contudo, como se entrevê pelo próprio gesto do escritor romano e do argentino de se terem dedicado com tanto empenho à compilação de semelhantes maravilhas, não necessariamente se há que associar o monstruoso a algo apenas repelente para os homens,

¹⁴ HAGNER, 2001, p. 41: “Così si legge in Plinio – ‘Nascono anche degli ibridi che noi chiamiamo ermafroditi; altre volte li si chiama androgini e li si annovera tra i prodigi, ma al giorno d’oggi, essi servono ad eccitare il piacere’”.

¹⁵ HAGNER, 2001, p. 39: “Nel XVIII secolo, un uomo-gallina apparve a Lipsia. Lo si può ancora vedere al Museo di storia delle tradizioni a Waldenburg in Saxe. Si tratta di un uomo alto qualche centimetro con un bernoccolo a forma d’uovo sulla fronte. Questo bernoccolo, che ricorda una cresta di gallo, è grande quasi quanto tutta la testa. La mascella inferiore è così sfuggente che senza molta immaginazione si può scambiare la bocca per un becco”.

¹⁶ *Fábula de Polifemo e Galateia*, estância VII: “Un monte era de miembros eminente/ este (que, de Neptuno hijo fiero)/ de un ojo ilustra el orbe de su frente./ émulo casi del mayor lucero)/ Cíclope, a quien el pino más valiente,/ bastón, le obedecía, tan ligero,/ y al grave peso junco tan delgado,/ que un día era bastón y otro cayado”.

segundo a lógica de uma ambivalência que também não exclui razoável grau de fascínio. Um ensaio de Michael Hagner, então, relata como, no século XVIII, certa coleção de *monstra* expostos na corte alemã de Kassel – e que dispunha de fetos humanos com horríveis deformidades, abortados, entre outras atrações do gênero – lograva deleitar os mais eruditos visitantes (HAGNER, 2001, p. 41). Ele define, enfim, esse gosto pelo bizarro como algo embasado na noção antiga de *lusus naturae*, vista ao modo da espantosa capacidade das forças criadoras naturais para variarem seus “caprichos”, o que acabava, inclusive, despertando o interesse (ou a incompreensão) dos homens.¹⁷

Conclusão

Esses dois modos de acesso à obra de Plínio, como apontados por Calvino no capítulo a que nos temos referido, favorecem-nos dividir no livro VIII da enciclopédia, ao mesmo tempo, um espelho de nossa diferença, quando olhamos a equiparável, mas *não idêntica*, sociedade dos elefantes, e todo um mundo de surpresas, ao adentrarmos o catálogo do monstruoso da *Naturalis Historia*. Para o próprio crítico italiano, derradeiramente, compensa visitar esse pouco lido enciclopedista, no livro VIII dessa obra, por sua peculiar ideia de natureza, a qual se identifica como algo “exterior ao homem, mas indiferenciado do que é o mais intrínseco ao seu intelecto, o alfabeto dos sonhos, o código da imaginação, sem o que não se atinge nem a razão nem o pensamento”¹⁸.

Referências

AUGUSTO & SUETÔNIO. *A vida e os feitos do Divino Augusto*. Trad. de M. Trevizam, P. S. Vasconcellos e A. M. Rezende. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BORGES, J. L. *O livro dos seres imaginários*. Trad. de Carmen V. C. Lima. Porto Alegre: Globo, 1981.

CALVINO, I. Jorge Luis Borges. In: CALVINO, I. *Pourquoi lire les classiques*. Trad. de J.-P. Manganaro. Paris: Seuil, 1993a, p. 200-208.

¹⁷ HAGNER, 2001, p. 41: “Inoltre, la nozione di *lusus naturae* era già familiare ai sapienti dell’Antichità. All’opposto dell’opinione espressa da Aristotele, le aberrazioni mostruose non erano più per Plinio anomalie di una natura ragionevole, ma l’espressione delle sue potenzialità creatrici. Come a dire che la natura non realizza un disegno unico. O meglio, anche se la natura riposasse su un solo principio, l’intelletto umano sarebbe troppo debole per discernere il disegno. A motivo di questa debolezza intellettuale, l’uomo non è capace di riconoscere i fenomeni eccezionale o rari come produzioni naturali. L’origine dello strano non risiede per Plinio nei fenomeni della natura, ma nello sguardo dell’uomo”.

¹⁸ CALVINO, 1993b, p. 33: «(...) extérieur à l’homme mais qui ne se distingue pas de ce qui est le plus intrinsèque à son intellect, l’alphabet des rêves, le code de l’imagination, sans lequel on n’atteint ni la raison ni la pensée».

CALVINO, I. Le ciel, l'homme, l'éléphant. In: CALVINO, I. *Pourquoi lire les classiques*. Trad. de J.-P. Manganaro. Paris: Seuil, 1993b, p. 21-33.

CARDOSO, Z. A. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CRIPPA, S. Introduction. In: PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle XXX: magie et pharmacopée*. Texte ét. et trad. par A. Ernout, introd. et notes par S. Crippa. Paris: Les Belles Lettres, 2003, p. V-XXXII.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001.

GÓNGORA. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Hedra, 2008.

GRIMAL, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.

HAGNER, M. Rappresentazioni multiple del mostro: dall'uomo-gallina di Lipsia a Dolly. In: FADINI, U.; NEGRI, A.; WOLFE, C. T. (org.). *Desiderio del mostro: dal circo al laboratorio alla politica*. Trad. de Vito Bianco, Giorgia Nicolemi e Silvia Talluri. Roma: Manifestolibri, 2001, p. 37-58.

IBRAHIM, A. Introduction. In: IBRAHIM, A. (org.). *Qu'est-ce qu'un monstre?* Paris: Presses Universitaires de France, 2005, p. 11-27.

PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle: livre VIII*. Texte établi, trad. et commenté par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

PLINE LE JEUNE. *Correspondance*. Trad. du latin par Yves Hucher. Paris: Bibliothèques 10/18, 1966.

PLINE LE JEUNE. *Lettres: tome II, livres IV-VI*. Trad. de A.-M. Guillemin. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

TREVIZAM, M. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. 2006. 526 f. Tese (Doutorado em Linguística/ Latim) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

TREVIZAM, M. Os 'monstros' de Virgílio no livro I das 'Geórgicas'. *Fragmentos*, Florianópolis, n. 35, p. 75-90, 2009.

VIRGIL. *The eclogues & Georgics*. Edited with introduction and notes by R. D. Williams. London: Bristol Classical Press, 1996.

VIRGILE. *Geórgiques*. Trad. par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

Zoological wonders in Pliny the Elder *Encyclopedia*, according to two suggestions of Italo Calvino

Abstract: In this paper, we would like to present some ideas found in the eighth book of *Naturalis Historia*, whose authorship is attributed to Pliny the Elder. With this purpose in mind, after contextualizing the Roman writer in his own time, under a human, intellectual and

historical point of view, we proceed to the examination of the author's treatment of the elephants and of several fabulous beings (such as dragons and basilisks), in the same part of the book mentioned. In the first case, similarly to Virgil's *Georgics* book IV, which is devoted to the development of apiculture, Pliny shows the animal society on which he has focused his attention as something, at the same time, very close and very far from human culture and feelings. Regarding Plinian treatment of beings which nowadays we would call "monstrous", because of their lack of proportion, strong hybridization or potential harmfulness to men or other creatures, we realize also that the ancient author seems to write about those prodigies as spontaneously as someone aware of the highly inventive nature of the creative powers in operation in the world. In this movement of looking into the bizarre aspects of the world, Pliny was, later, closely followed by Jorge Luis Borges, author of *The book of imaginary beings*.

Keywords: Zoology. Literature. Poetry. Pliny the Elder. Monstrosity.

